

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCAR
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS - CECH
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**Contação de histórias sociais, para promover comportamentos inclusivos
entre crianças, do Ensino Fundamental, com e sem autismo**

Docente: Dra. Camila Domeniconi
Discente: Maria Fernanda Andrade Alvarez

SÃO CARLOS
2025

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento, com etiologias orgânicas e características sintomatológicas conhecidas que vão basear-se em dificuldades na interação social, além de comportamentos e interesses restritos. A aquisição do comportamento social pela criança ocorre, principalmente, com os pares e majoritariamente, esse aprendizado inicia-se durante o ingresso do indivíduo na escola. Considerando as características comuns observadas em crianças com TEA, é possível prever que elas tendem a experimentar maior solidão no ambiente escolar e em suas vidas. Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo a aplicação de uma intervenção breve, baseada na contação de histórias, visando o aumento do comportamento inclusivo dos pares com as crianças com TEA em sala de aula. Para isso, foi realizada uma intervenção em uma sala de segundo ano do Ensino Fundamental I, de uma escola do interior de São Paulo. A intervenção consistiu na aplicação de duas medidas antes da intervenção, Ecomapa e Escala de Diferencial Semântico (DS), e de uma medida após a intervenção (Escala de Diferencial Semântico). A intervenção consistiu na contação de uma história social. A partir do Ecomapa, foi possível perceber a falta de reciprocidade na relação das crianças autistas com o restante da sala. Os resultados obtidos no DS apontaram que a contação da história social, impactou a percepção das crianças acerca de uma das personagens da história, que antes da intervenção recebeu atribuições de características neutras e negativas e após a intervenção, foram atribuídas a ela características neutras e positivas. Esses resultados podem indicar que a contação de histórias sociais pode ser um instrumento efetivo na promoção de comportamentos inclusivos. Sugere-se também que a aplicação dos instrumentos de medida seja feita pré e pós intervenção e sejam realizados também protocolos de observação em ambientes naturais, como no recreio.

Palavras-chave: História Social, Inclusão social, salas de aula, crianças, TEA.

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), atualmente, é amplamente discutido, porém nem sempre o assunto foi abordado em múltiplos contextos. Em meados dos anos 60, tratava-se o TEA como uma síndrome do campo das psicoses, pois, diferente de outros transtornos, os indivíduos com os sintomas característicos não apresentavam perdas cognitivas nos exames (Assumpção & Pimentel, 2000), dessa forma sendo denominado como um desafio da psiquiatria infantil. Entretanto, após muitos estudos serem elaborados, em 1980, o TEA é incluído na terceira edição das diretrizes diagnósticas oficiais da American Psychiatric Association, o DSM-III (Volkmar & Wiesner, 2019), assim pode-se dizer que o TEA é uma síndrome comportamental definida, com etiologias orgânicas, características sintomatológicas conhecidas e com a possibilidade de um diagnóstico diferencial e tratamentos terapêuticos (Assumpção & Pimentel, 2000). Ademais, o autismo também é caracterizado como uma condição que afeta as principais áreas do desenvolvimento, como a interação social e a linguagem, além de poder ser caracterizado pela ocorrência de comportamentos repetitivos e estereotipados (APA, 2002 citado em Bosa et.al., 2013).

Em uma versão mais atualizada da descrição, o TEA foi caracterizado como um Transtorno do neurodesenvolvimento, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) (5ª edição, American Psychiatric Association [APA], 2013), e tem como primeiro critério diagnóstico as dificuldades de comunicação social, com início precoce, que, na maioria das vezes, levam a problemas na aprendizagem e na adaptação (Volkmar & Wiesner, 2019). Somado a isso, o DSM-V (APA, 2013) adiciona como critério diagnóstico o estabelecimento de padrões repetitivos e restritos de comportamentos, atividades e/ou interesses, esses sintomas estão presentes desde o início da infância e causam prejuízos funcionais na vida do indivíduo. As causas do TEA ainda não são estabelecidas de maneira clara e precisa, mas, tornou-se compreensível, com o tempo e com as pesquisas, que há uma

base neural como causa do TEA (Volkmar & Wiesner, 2017). Assim, de modo geral, os estudos com neuroimagem sugerem que existem diferenças de volume cerebral em regiões específicas, além de uma conectividade estrutural e funcional atípica (Anagnostou & Taylor, 2011, citado em Volkmar & Wiesner, 2017), apesar disso, não é possível descartar as influências dos fatores ambientais e comportamentais.

Todavia, é importante ressaltar que há diferenças no desenvolvimento de cada criança e que o diagnóstico só deve ser feito após criteriosa avaliação de profissionais qualificados, nesse contexto, as formas de manifestação das características diagnósticas variam de acordo com o nível de desenvolvimento e a idade cronológica da criança (APA, 2002 citado em Bosa et.al., 2013). Os sintomas passam a ser reconhecidos entre os 12 e 24 meses da criança, quando são notadas perdas ou atrasos no desenvolvimento, referentes a habilidades sociais, linguísticas e afetivas (APA, 2013) e tem incidência maior em indivíduos do sexo biológico masculino, a cada dois, três casos em indivíduos do sexo masculino tem-se um caso em indivíduos do sexo feminino (Frith, 1989 citado em Volkmar & Wiesner, 2017).

Considerando a sintomatologia comum ao TEA, as intervenções tem como principal foco a promoção de habilidades nas áreas de habilidades de comunicação, interação social e cognição; além disso, recomenda-se que a frequência dessas atividades sejam de 3 horas por dia e que sejam realizadas nos contextos clínico e doméstico, sendo os agentes responsáveis por essa intervenção os técnicos e os pais (Nuernberg et al., 2020), essas intervenções têm como objetivo a promoção do desenvolvimento a melhora da qualidade de vida dela e de sua família.

O desenvolvimento de qualquer indivíduo depende, em grande parte, do processo de socialização dele, a obtenção de habilidades sociais, linguísticas e afetivas tem início no contato com os pais e com os familiares, porém, esse repertório comportamental só se expande a partir do ingresso em novos grupos sociais (Castro, et al., 2003). Dessa forma, a aquisição do comportamento social pela criança é, majoritariamente, aprendida com os pares (Mussen et al.,

1995, citado em Castro et al., 2003), e a falta de amizades e dificuldades nas relações com os pares demonstram consequências indesejáveis, como maior probabilidade de desenvolver problemas emocionais, menor sociabilidade, ajustamento escolar mais pobre e dificuldades socioemocionais (Shaffer, 1996 citado em Bosa et al., 2009).

De acordo com esse contexto, é possível prever que as crianças com TEA, devido ao déficit nas interações sociais, podem apresentar comportamentos menos competentes socialmente, favorecendo a exclusão social. De acordo com Bosa 2002, o isolamento das crianças com autismo pode ser influenciado principalmente pelo comprometimento na ausência de compreensão acerca do que se espera do comportamento dela. Essa capacidade de compreensão do comportamento em termos de estados mentais, tem sido convencionalmente chamada de Teoria da Mente (Premack & Woodruff, 1978, citado em Bosa et.al., 2013). Entretanto, é necessário questionar até que ponto o isolamento das crianças com TEA não é resultado da falta de oportunidades de interação social oferecidas a ela (Lord & Magil, 1989 citado em Bosa et al., 2009). O isolamento, ocorre também porque, por mais que existam leis que fundamentam a inclusão desses alunos nos ambientes escolares, a forma como eles participam nessas instituições, majoritariamente, não é adequada ou pelo menos não é suficiente para garantir uma inclusão plena (Teodoro et al., 2016).

No estudo de Locke et.al., (2016) foram observadas crianças, com idade entre 5 e 12 anos, com e sem autismo, durante o recreio escolar. Os resultados dessa pesquisa demonstraram que as crianças com TEA se engajaram em atividades solitárias durante 30% do recreio e em atividades grupais durante 40% do tempo, enquanto crianças com desenvolvimento típico se engajaram em atividades solitárias apenas em 9% do tempo disponível no recreio e em atividades grupais durante 70% do tempo (Locke et.al., 2016). Portanto, foi possível concluir nesse estudo que são necessárias intervenções focadas na ampliação das interações sociais entre crianças com TEA e crianças com o desenvolvimento típico. Essas intervenções devem ter

como objetivo a ampliação do repertório de habilidades sociais e de aceitação pelos pares, de maneira que o isolamento constante possa ser evitado (Bosa, 2013).

Dados esses fatores, destaca-se a necessidade de que o processo inclusivo seja realizado o mais cedo possível na vida de uma criança (Fuller & Jill, 2006 citado em Bosa et.al., 2013), assim, a escola, como um dos contextos mais significativos sobre o desenvolvimento, deve ser um meio facilitador para a promoção de comportamentos, habilidades e valores inclusivos (Macintosh & Dissanayake, 2006 citado em Bosa et.al., 2013). O início da vida escolar de qualquer criança é ocasião para uma diversidade de novas demandas sociais e desenvolvimentais no geral, que geram adaptações e aprendizagens significativas para o indivíduo, mas também ansiedade e frustração, quando existem dificuldades na adaptação social e no desenvolvimento de vínculos de amizade.

A facilidade da adaptação social da criança à escola vai estar intimamente relacionada com a percepção que os pares constroem sobre a criança e a aceitação que se dá entre elas. A aceitação e a construção de vínculos de amizade entre as crianças estão intimamente relacionadas com a competência social demonstrada pelos pares. Indivíduos que demonstram mais frequentemente comportamentos agressivos podem ser mais facilmente excluídos dos grupos, inclusive pelo difícil entendimento sobre os fatores que levam aos comportamentos agressivos. Comportamentos agressivos levam a uma maior rejeição social e a menos oportunidades de interação, intensificando as dificuldades nas interações sociais (Schwartz et al., 1998).

A rejeição social entre pares escolares tem sido documentada entre pares típicos (Schwartz et al., 1998). Esse desafio pode ser acentuado quando se considera pares de crianças típicas e crianças com TEA, se consideradas as dificuldades de interação social que constantemente são mais frequentes quando se considera as crianças com TEA. Soma-se a isso, as questões já conhecidas sobre pouca tolerância à diversidade e pouca experiência na

convivência com alunos Público Alvo da Educação Especial (PAEE), até mesmo por professores, considerando que a inclusão escolar é um tema relativamente novo no Brasil (as leis que impulsionaram a matrícula de alunos PAEE na escola regular têm menos de 20 anos em vigor e no que se refere ao autismo, as leis datam do ano de 2012, quando se considera o aluno com TEA como parte do PAEE).

Em qualquer âmbito, a inclusão social se apoia em valores de tolerância e respeito às diferenças. Por outro lado, a falta desses valores está na base de muitos problemas sociais, como a xenofobia, o preconceito, o racismo, os conflitos religiosos e a marginalização de grupos minoritários em geral (CARVALHO, 2009; DELORS, 2001; LEFEVRE, 2003; SÃO PAULO, 2010).

As atividades educativas caracterizam formas concretas de se ampliar o repertório das crianças em idade escolar, inclusive no que concerne à tolerância às diferenças. No estudo de Prette et al., (2012), que tinha como objetivo avaliar o impacto de uma atividade educativa breve na promoção de respeito e tolerância das crianças e seu possível impacto diferenciado para meninos e meninas, e que se caracterizou pela contação de uma história em salas do Ensino Fundamental I, foram demonstrados resultados significativos em relação à tolerância e respeito às diferenças. Na pesquisa realizada, as percepções das crianças foram analisadas por meio de um diferencial semântico, que tinha como função atribuir adjetivos negativos e positivos ao próprio time de futebol e ao time adversário, antes e após a intervenção, dessa forma, os resultados demonstraram que houve uma alteração no que diz respeito aos adjetivos colocados para os times adversários, que passaram a ser menos desfavoráveis no final da intervenção, quando comparado ao primeiro momento de aplicação do instrumento de diferencial semântico. Dessa maneira, pode-se concluir que a implementação de atividades educativas simples e efetivas pode ser benéfica para o aumento de comportamentos de tolerância e respeito às diferenças.

As intervenções que promovem a inclusão no contexto escolar são de extrema importância no Brasil, já que, a literatura tem demonstrado que a maioria de crianças com TEA

têm resultados sociais piores quando comparados com crianças típicas, nas escolas (Locke et al., 2016). Além disso, pesquisas baseadas nos relatos de pais de crianças com TEA, demonstram que as crianças manifestam inúmeros sofrimentos na escola, como episódios de bullying (De Aguiar & Pondé, 2017) que prejudicam a manutenção de relacionamentos horizontais, com igualdade e reciprocidade e permite o desenvolvimento de aspectos sociais que são somente experimentados nessa relação como a cooperação, a competição e a intimidade (Bosa et al., 2013).

As interações sociais significativas podem gerar mais oportunidades de aprendizagem de habilidades socialmente relevantes para as crianças, ampliando repertório social e favorecendo as interações futuras, num movimento cíclico. Quando a criança interage com outras crianças mais habilidosas socialmente, ela pode demonstrar um repertório de habilidades superiores ao que apresentaria se estivesse sozinha, inclusive pela modelação e imitação de comportamentos relevantes socialmente. Logo, as crianças com autismo são amplamente beneficiadas nessas interações com crianças com desenvolvimento típico (DT) (Rogers, 2000 citado em Bosa et al., 2013). Além disso, é importante relatar que as crianças com DT também recebem benefícios a partir da interação social com crianças com TEA, isso decorre-se da possibilidade de conviver e aprender com as diferenças, o que vai além da redução de preconceitos; pois, a diversidade amplia a capacidade simbólica e facilita a percepção dos diferentes parâmetros do que a criança experimenta sobre o que significa “ser criança” (Bosa et al., 2013).

Dado os fatores apresentados, mostra-se a necessidade da criação e da implementação de práticas educacionais baseadas em evidências, para a melhora na qualidade das experiências sociais das crianças com TEA na escola (Sansosti et.al., 2004). A história social (HS), tem sido considerada uma prática baseada em evidências, com resultados positivos na promoção de diversos comportamentos relevantes, nas áreas de desenvolvimento social e

autonomia, especialmente (Silva, et al., 2020). Seu uso tem como objetivo a descrição de situações nas quais um indivíduo possa ter dificuldades em identificar os sinais sociais relevantes ou os comportamentos esperados e na compreensão de como devem agir e se comportar diante de determinados contextos (Gray, 2000 citado por Silva, et.al., 2020).

O estudo realizado por Silva e colaboradores (2020), teve como participantes duas crianças do gênero masculino, com idades de 9 e 6 anos e com diagnóstico de TEA. Esse estudo teve como objetivo analisar os efeitos de histórias sociais no comportamento de crianças com TEA, em sala de aula. Para isso, foram produzidas histórias sociais, individualizadas e distintas, contendo os comportamentos adequados a serem fortalecidos e os comportamentos inadequados a serem reduzidos, relatados pelas professoras de cada participante. O procedimento foi realizado em quatro etapas, sendo Pré-intervenção, Linha de Base, Intervenção e Procedimento de Correção. indicou o aumento de comportamentos adequados e a diminuição da frequência de comportamentos inadequados. Os resultados desse estudo indicaram o aumento de comportamentos adequados e a diminuição da frequência de comportamentos inadequados. Sendo assim, o uso da história social aparenta ser uma estratégia promissora, com tempo curto de aplicação e baixo custo na construção dos materiais utilizados (Silva et al., 2020).

Diante do cenário apresentado, o presente estudo, tem como objetivo utilizar uma prática baseada em evidências, de breve duração, de baixo custo e que se adeque a rotina escolar, para promover comportamentos inclusivos por crianças com desenvolvimento típico (DT) ampliando as relações sociais entre crianças com DT e com TEA, por meio da contação de histórias sociais. Ressaltando que, pensar em práticas inclusivas é mais do que inserir um aluno dentro da sala de aula regular, são necessárias estratégias e preparações que facilitem o processo de inclusão dessas crianças (Teodoro et al., 2016).

Considerando a importância da aceitação dos pares para o desenvolvimento social de

qualquer criança, incluindo crianças com TEA, e as dificuldades de tolerância ao outro, que podem ser acentuadas nos pares típicos e atípicos e considerando ainda o potencial das atividades educativas como modificadoras de comportamento, espera-se que o presente estudo possa contribuir na identificação de variáveis importantes para promover comportamentos inclusivos em crianças do Ensino Fundamental, essa é uma temática relevante para todo os anos de ensino, principalmente nos três anos iniciais do Ensino Fundamental I.

2. MÉTODO

Participantes

Os participantes da pesquisa caracterizam-se por 24 crianças cursando o último bimestre do segundo ano no Ensino Fundamental I, com idade entre sete a 8 anos ($M = 7,6$ anos), sendo 23 crianças com desenvolvimento típico e 1 criança com desenvolvimento atípico (autista) que assentiram participar do presente estudo e da intervenção proposta. As crianças pertenciam a uma sala com 4 crianças com desenvolvimento atípico, sendo 2 delas com autismo e 2 com deficiências múltiplas. Os responsáveis pelas crianças assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e as crianças assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

Local e situação

O local de coleta de dados e de intervenção foi uma Escola Estadual de uma cidade do interior do estado de São Paulo, dentro dela os procedimentos foram feitos tanto dentro da sala de aula, no momento da utilização do diferencial semântico e da contação das histórias sociais, como na biblioteca, no momento do registro do ecomapa.

Instrumentos

1. Ecomapa elaborado pela autora: o objetivo do ecomapa elaborado é realizar um mapeamento acerca de como se dão os agrupamentos mais comuns na rotina das crianças. Para isso, serão feitas três perguntas para cada criança individualmente: 1. qual amigo você mais convida para brincar? 2. qual amigo você convida para fazer alguma atividade? 3. qual você não convida?
2. História Social elaborada pela autora: A história social elaborada contou com uma narrativa e imagens específicas, com temas relacionados a importância das crianças brincarem todas juntas nos diferentes espaços da escola. (Anexo 1)
3. Questões de verificação da compreensão das histórias sociais: “Quem está na história?”, “Onde aconteceu a história?”, “Quando chamo alguém para brincar, como essa pessoa se sente?”. As questões foram realizadas em grupo, ao final de cada uma das histórias sociais e foram dadas duas opções, apresentadas no projetor digital, para as crianças escolherem qual opção elas consideram ser a correta como resposta à cada pergunta. A opção foi feita ao pedir para as crianças levantarem a mão quando achassem que era a imagem nomeada pela pesquisadora. (Anexo 2)
4. Escala de Diferencial Semântico: Essa escala teve por objetivo avaliar a percepção das crianças acerca de dois personagens da história social, uma delas sendo a criança excluída e a outra sendo a criança que é receptiva e brinca com todos, ela foi aplicada antes e após a contação de história. O instrumento continha uma escala de 0 a 5 pontos com adjetivos opostos: triste/alegre; amiga/não amiga e legal/chata (Figura 1).

Figura 1. Escala de Diferencial Semântico, Aplicada Antes e Após a Intervenção.

Nome:

O que você acha dessa peronsagem?



Triste	<input type="text"/>	Alegre
Amiga	<input type="text"/>	Não Amiga
Legal	<input type="text"/>	Chata

O que você acha dessa peronsagem?



Triste	<input type="text"/>	Alegre
Amiga	<input type="text"/>	Não Amiga
Legal	<input type="text"/>	Chata

Procedimento

Essa pesquisa foi realizada a partir dos preceitos éticos estabelecidos pelo Conselho Nacional de Saúde e mediante aprovação do Comitê de Ética. Os participantes foram selecionados em uma escola de Ensino Fundamental do interior de São Paulo. Após a aprovação da Escola para a realização da coleta de dados e do procedimento de intervenção,

foi enviado para os responsáveis dos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo 3) e para as crianças foi lido o Termo de Assentimento (TALE) (Anexo 4). Os participantes e responsáveis que concordaram com os termos participaram do estudo.

Todos os procedimentos foram realizados durante o período de aula e dentro da escola. Inicialmente, a experimentadora entrou na sala de aula das crianças que participaram do estudo e explicou para elas como tudo seria feito. Após a explicação, a pesquisadora chamou, em grupos de 4 a 5 crianças, os participantes para responderem o Ecomapa elaborado na biblioteca. Para tanto, as crianças foram entrevistadas individualmente pela pesquisadora responsável, a fim de obter um mapeamento acerca de quais crianças são chamadas com mais frequência para brincar, quais são chamadas com menos frequência para brincar e quais crianças eles gostariam de brincar mais.

Após a aplicação do Ecomapa com as 24 crianças, o processo de intervenção teve início. A intervenção começou com a instrução e aplicação da Escala de Diferencial Semântico em sala de aula com as 24 crianças, após essa etapa a experimentadora recolheu as Escalas preenchidas e deu início a contação da história social (Anexo 1), que foi projetada para as crianças no projetor digital. Após a contação da história social, foi realizada a verificação da compreensão acerca da história (Anexo 2), e após a verificação da compreensão acerca da história a pesquisadora perguntou aos participantes “o que eles tinham aprendido com a história”, alguns relataram que “não era pra brigar com os amigos da sala”, outros que “tinham aprendido que deviam brincar com todo mundo” e outro que “quando todo mundo brinca junto, todo mundo fica feliz”. Após esse processo de verificação, a experimentadora aplicou novamente a Escala de Diferencial Semântico.

O planejamento da pesquisadora era após a história, não só aplicar novamente a Escala de Diferencial Semântico, como também o Ecomapa aplicado antes da contação da história

social. Porém o tempo dado à experimentadora para a coleta de dados foi menor do que o necessário para que todas as medidas fossem realizadas.

Procedimento de análise dos dados:

A análise dos dados foi feita através da análise dos resultados obtidos com os instrumentos aplicados antes e depois da intervenção, a fim de averiguar se houve alguma alteração do relato das crianças sobre os colegas mais convidados para as atividades e brincadeiras e se a escala de diferencial semântico apresentou alguma diferença antes e depois da apresentação da história social. Os dados do Ecomapa também foram analisados com a finalidade de entender como se davam as relações entre os pares na sala de aula e que posição que ocupam as crianças com TEA.

3. RESULTADOS

A Figura 2 demonstra os valores das medianas (MED), ou seja, o ponto médio do conjunto de dados, obtidos a partir da análise das respostas dos participantes à Escala de Diferencial Semântico, realizada antes da intervenção e depois da intervenção e referente a duas personagens. As duas personagens representadas na Escala de Diferencial Semântico, referem-se a uma criança com alta sociabilidade e que convida todos a brincar (personagem 1) e a uma criança que não aparece inserida nos contextos de brincadeira em grupo (personagem 2).

Destaca-se que quanto mais perto o valor da extremidade superior mais atribuída a personagem foi a uma característica negativa (triste/não amiga/chata) e mais o valor da mediana foi perto de 5. Em contraposição, quanto mais perto o valor da extremidade inferior, mais atribuída a personagem foi a uma característica positiva (alegre/amiga/legal), dessa forma a mediana aproximou-se do valor de 1. Caso o valor estivesse no meio, mediana igual a 3 significava que a aquela personagem fora atribuída uma característica neutra. A cada

personagem pedia-se ao participante que atribuísse um valor (0 a 5) a três pares opostos de características (triste/alegre; não amiga/amiga; chata/legal).

Em relação à personagem 1, é possível observar que foram atribuídas características positivas a ela, antes da intervenção, nas três características avaliadas. Isso porque o valor obtido das medianas foram todas iguais a 1, isto é, os pontos referentes a essa posição estão próximos da margem inferior do gráfico. Após a contação da história social, continuaram sendo atribuídas a personagem 1, características positivas, mas o valor da mediana alterou-se apenas na característica NÃO AMIGA/AMIGA, passando de 1 para 1,5.

Já em relação a personagem 2, os valores apresentados antes da intervenção, revelam que foram atribuídas características neutras ($MED = 3$) em duas medidas (TRISTE/ALEGRE e CHATA/LEGAL), e atribuída característica positiva em uma medida (NÃO AMIGA/AMIGA). Depois da aplicação da intervenção, pode-se observar a manutenção da neutralidade ($MED = 3$) em uma das características, e a alteração das duas outras características (TRISTE/ALEGRE e CHATA/LEGAL), aproximando-se ainda mais dos valores inferiores, ou seja, das características positivas. Dessa forma, é possível observar que a Figura 2 mostra em relação à personagem 1, considerada totalmente positiva antes da intervenção, é atribuída uma leve tendência a neutralidade. Já acerca da personagem 2, que antes da intervenção demonstrava a atribuição de mais características neutras, após a contação de história, tem uma tendência a ser classificada pelas características positivas.

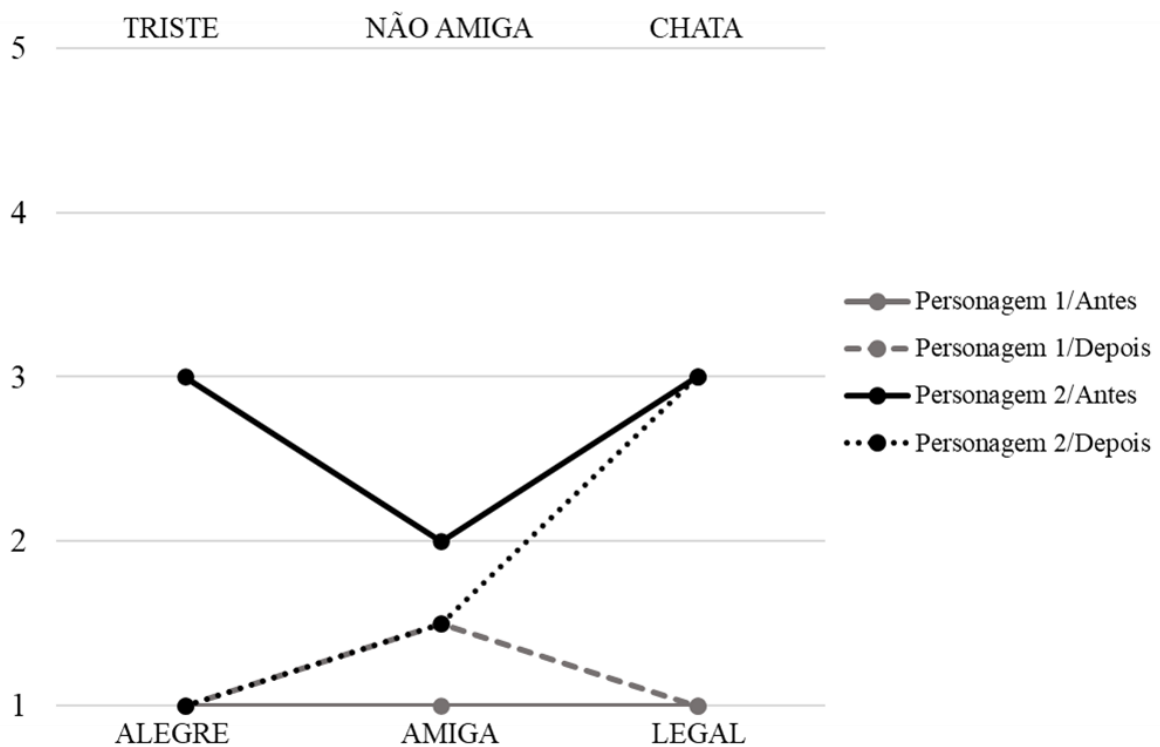


Figura 2. Mediana dos Valores da Escala de Diferencial Semântico

A Figura 3, representa as respostas das crianças ao Ecomapa realizado antes da intervenção, que continham as perguntas: “Com quem você mais brinca? Com quem você menos brinca? Com quem você gostaria de brincar mais?”. Na figura apresentada, não é possível observar a quantidade exata de vezes que cada criança foi citada. Entretanto, é possível observar que os nomes em destaque são os nomes que mais foram citados pelas crianças, independentemente de qual questão elas estavam respondendo, e os nomes representados pelas letras menores, correspondem aos nomes que foram menos citados pelas crianças.

Além disso, é possível observar a ausência do nome de algumas crianças que eram integrantes da sala de aula, como por exemplo os meninos Matheus e Caio. Essas duas crianças, não citadas por nenhuma outra criança em nenhuma das questões realizadas pelas experimentadoras, são as duas crianças com o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista e são integrantes da sala de aula na qual a intervenção foi realizada.

Na nuvem de palavras apresentada, não é possível observar se há uma reciprocidade nas relações entre as crianças, ou seja, se uma criança citada por outra, cita a criança que a citou nas respostas. Porém, analisando as respostas das crianças de maneira individual (Anexo 5), observa-se que há uma reciprocidade em algumas das relações (e.g., Livia e Diego, Talita e Renato, Livia e Giovana, Danilo e Guilherme, etc), mas em outras relações não é possível observar essa reciprocidade na brincadeira (e.g., Lucas e Diego, Matheus e Guilherme, Mariana e Livia, etc). Somado a isso, destaca-se que no caso do Matheus não é possível observar a reciprocidade, isto significa que nem mesmo a criança que ele afirmou brincar mais o citou.



Figura 3. Nuvem de Palavras com as Respostas do Ecomapa.

3. DISCUSSÃO

Tendo em vista o contexto e a justificativa sob os quais esse estudo foi proposto, vale retomar que o presente trabalho estabeleceu como objetivo utilizar uma prática baseada em evidências, de breve duração, de baixo custo e que se adequasse a rotina escolar para promover comportamentos inclusivos em crianças com desenvolvimento típico (DT), ampliando as relações sociais entre crianças com DT e com TEA, por meio da contação de histórias sociais, além de buscar contribuir na identificação de possíveis variáveis importantes para a promoção de comportamentos inclusivos em crianças do Ensino Fundamental I.

Dessa forma, para atingir esse objetivo foram realizados dois procedimentos. O primeiro procedimento consistia em uma prática de caráter descritivo e exploratório, que visava, diante da aplicação do ecomapa sondar como as relações entre as crianças ocorriam, e, através do diferencial semântico analisar qual a percepção dos participantes acerca dos personagens contidos na história social, tanto antes quanto após a intervenção proposta. O procedimento de intervenção propriamente dito, consistia na contação de uma história social, uma estratégia apontada como promissora pela literatura (por exemplo, Silva et al., 2020), e se enquadrando nas características apontadas no objetivo do estudo, isto é, uma intervenção de breve duração e baixo custo, e na aplicação de uma escala de compreensão da história, a fim de garantir que os participantes compreenderam os principais pontos da história. Ademais, é importante ressaltar que todo o procedimento durou, aproximadamente, duas horas e foi realizado no espaço da biblioteca da escola e dentro de sala. A intervenção proposta teve curta duração, por volta de 15 minutos, sendo assim, caso fosse demonstrada como efetiva, poderia ser facilmente adequada à rotina das escolas.

Pelo que demonstra a Figura 2, na seção dos resultados, é possível observar que houve uma leve tendência de alteração da percepção dos participantes acerca das personagens

da história, o que se pode considerar esperado, tendo em vista a intervenção proposta e a literatura apresentada (Prette et al., 2012 & Silva et al., 2020). Em relação à personagem 1, que tinha como papel exemplificar uma criança que demonstrava comportamentos mais sociáveis, com ela foi considerada pelos participantes totalmente positiva na etapa de avaliação pré-intervenção, já na etapa pós-intervenção, suas medidas apresentaram uma tendência pequena à neutralidade. Já a personagem 2, que tinha como papel exemplificar uma criança que não era incluída, a percepção acerca dela na avaliação pré-intervenção teve uma tendência mais negativa, e no pós intervenção, as características atribuídas a ela pelos participantes foram mais positivas. Esse resultado, por mais que seja sutil, demonstra que atividades educativas e de baixo custo, adequadas à rotina escolar, podem ampliar a percepção das crianças acerca dos demais e conseqüentemente a promoção de comportamentos inclusivos por crianças com desenvolvimento típico, corroborando com a literatura sobre a alteração na percepção das crianças após a contação de histórias (Prette et al., 2012). Conclui-se que, houveram alterações na percepção dos participantes acerca dos personagens analisados, e alterações que vão em consonância ao que havia sido apresentado na HS.

Em relação a Figura 3, observa-se que algumas crianças foram mais citadas quando comparadas a outras e que os dois alunos com TEA, não foram citados em nenhuma das questões realizadas, nem mesmo pelas crianças que eles citaram em suas respostas. Diante desses resultados, é possível concluir que as relações entre as crianças com desenvolvimento típico e as crianças com TEA não demonstram igualdade e reciprocidade, prejudicando a manutenção de relacionamentos horizontais (Bosa et al., 2013) e podendo originar nos participantes com TEA sentimentos de solidão e sofrimento (De Aguiar & Pondé, 2017). Considerando a importância e os benefícios da interação social entre crianças típicas e atípicas, para ambos (Bosa et al., 2013) a história social pode ser uma intervenção promissora na promoção de comportamentos inclusivos e da ampliação da rede relacional das crianças com

TEA, no ambiente escolar.

Entretanto, algumas limitações foram encontradas nesse estudo e serão relatadas a seguir. A primeira limitação refere-se à presença de apenas uma pesquisadora durante o procedimento, sem a ajuda de monitores ou da professora. Isso resultou em uma falta de controle experimental, visto que algumas crianças precisavam de ajuda, simultaneamente, durante o preenchimento do principal instrumento de análise da efetividade da intervenção (diferencial semântico) e em alguns momentos a falta de ordem (i.e., barulho e tumulto), interferiu na compreensão das crianças acerca da tarefa apresentada.

Outra limitação que pode ser apontada, foi o tempo de coleta disponibilizado pela escola à experimentadora. No planejamento da pesquisa, a coleta de dados foi estruturada para ocorrer em dois períodos da tarde completos, sendo um deles destinado à observação dos participantes, em um contexto de recreio e o outro destinado à aplicação dos instrumentos utilizados e da história social. Entretanto, a coleta teve que ser realizada em apenas uma tarde, no período após o recreio, o que consistia em aproximadamente duas horas. Em consonância a isso, um fator que pode ter implicado como limitação seria o período do ano no qual a coleta foi realizada, os dados foram coletados em dezembro, nos dias que antecederam as férias escolares. Uma hipótese sobre essa questão foi a de que as crianças não estavam plenamente concentradas na tarefa, demonstrando distração e agitação.

Em conclusão, a quantidade de instrumentos realizados teve que ser limitada diante do tempo de coleta disponibilizado pela escola. No método, anteriormente, era previsto o uso de um protocolo de observação durante o recreio dos participantes, nos quais seriam observadas como as relações sociais entre as crianças eram estabelecidas, dado que posteriormente seria comparado com as respostas apresentadas no Ecomapa. Porém, devido ao tempo, essa etapa teve que ser retirada do procedimento, assim como a aplicação do Ecomapa após a realização da intervenção.

Portanto, para futuros estudos sugerem-se algumas alterações no procedimento do estudo relatado. A primeira sugestão é que seja destinada a aplicação da intervenção (HS) e dos instrumentos de medida (i.e., Ecomapa e Escala de Diferencial Semântico), um período da tarde inteiro. Dessa forma, seria possível realizar essas medidas com mais calma e atenção, certificando-se de que todos os participantes preencheram os instrumentos e compreenderam qual a tarefa apresentada; além disso, com a ampliação do tempo de coleta, seria possível realizar todas as etapas previstas no método (e.g., aplicação do Ecomapa após a intervenção). Ademais, considera-se interessante a aplicação do Ecomapa, com 30 dias pós-intervenção, uma espécie de *follow up*, para verificar se a aplicação da intervenção, impactou de uma forma mais permanente as relações sociais entre os participantes.

Outro fator importante para futuras replicações, é a realização dos protocolos de observação nos ambientes de convívio dos participantes, como por exemplo, durante o recreio. Recomenda-se que esse protocolo seja realizado no dia anterior à coleta de dados e que a observação seja feita de forma que os participantes não notem que estão sendo observados. Além dessa sugestão, pode ser interessante realizar uma entrevista estruturada com a professora e as auxiliares responsáveis pela sala, com o objetivo de registrar a percepção delas acerca das relações entre as crianças com desenvolvimento típico e as crianças com TEA.

Somada a essas alterações, sugere-se também que durante a intervenção e durante as medidas para sondagem, estejam presentes mais de uma pesquisadora, ou a pesquisadora conte com o apoio da professora e das auxiliares da sala de aula, dessa forma seria possível que a experimentadora principal ficasse responsável pelas instruções e pela contação da história social e as demais auxiliares pelo auxílio dos participantes no preenchimento dos instrumentos de sondagem. Em relação ao protocolo de observação, seria necessário a presença de, no mínimo duas experimentadoras, pois diminuiria a possibilidade da presença de observações equivocadas. Essa sugestão, aumentaria o controle experimental e garantiria mais

confiabilidade dos resultados obtidos.

Por fim, conclui-se que o uso da História Social inserida na rotina escolar, não só é uma ferramenta com potencial para promoção de comportamentos inclusivos em crianças com desenvolvimento típico (DT), ampliando as relações sociais entre crianças com DT e com TEA, mas que também, caso seja utilizada de forma contínua pelas escolas, pode funcionar como monitoramento sobre o comportamento e as relações entre as crianças.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Associação Psiquiátrica Americana. (2013). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (5^a ed .) . Arlington, VA: . American Psychiatric Publishing

Assumpção Jr, Francisco B e Pimentel, Ana Cristina M. Autismo infantil. *Brazilian Journal of Psychiatry* [online]. 2000, v. 22, suppl 2 [Acessado 12 Setembro 2022] , pp. 37-39.

Bauminger, N., & Kasari, C. (2000). Loneliness and friendship in high-functioning children with autism. *Child development*, 71(2), 447-456.

Castro, R. E. F. D., Melo, M. H. D. S., & Silveiras, E. F. D. M. (2003). O julgamento de pares de crianças com dificuldades interativas após um modelo ampliado de intervenção. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16, 309-318.

de Aguiar, M. C. M., & Pondé, M. P. (2017). A exclusão na inclusão de crianças com transtorno do espectro autista em escola regular. *Debates em Psiquiatria*, 7(3), 6-11.

Locke, J., Shih, W., Kretzmann, M., & Kasari, C. (2016). Examining playground engagement between elementary school children with and without autism spectrum disorder. *Autism*, 20(6), 653-662.

Mota, A. C. W., Vieira, M. L., & Nuernberg, A. H. (2020). Programas de intervenções comportamentais e de desenvolvimento intensivas precoces para crianças com TEA: uma revisão de literatura. *Revista Educação Especial*, 33, 1-27.

Prette, Zilda Aparecida Pereira Del, Domeniconi, Camila, Amaro, Livia, Benitez, Priscila, Laurenti, Aline, & Prette, Almir Del. (2012). Tolerância e respeito às diferenças: efeitos de uma atividade educativa na escola. *Psicologia: teoria e prática*, 14(1), 168-182.

Sansosti, F. J., Powell-Smith, K. A., & Kincaid, D. (2004). A research synthesis of social story interventions for children with autism spectrum disorders. *Focus on autism and other developmental disabilities*, 19(4), 194-204.

Silva, M. C. D., Arantes, A., & Elias, N. C. (2020). Uso de Histórias Sociais em sala de aula para crianças com autismo. *Psicologia em Estudo*, 25.

Schwartz, D., MCFADYEN-KETCHUM, S. A., Dodge, K. A., Pettit, G. S., & Bates, J. E. (1998). Peer group victimization as a predictor of children's behavior problems at home and in school. *Development and psychopathology*, 10(1), 87-99.

Teodoro, G. C., Godinho, M. C. S., & Hachimine, A. H. F. (2016). A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental. *Research, Society and Development*, 1(2), 127-143.

Volkmar, F. R., & Wiesner, L. A. (Eds.). (2017). *Essential clinical guide to understanding and treating autism*. John Wiley & Sons. Recuperado em 05 de fevereiro de 2023.

VOLKMAR, F. R., & WIESNER, L. A. (2019). O que é o autismo?: Conceitos de diagnóstico, causas e pesquisas atuais. VOLKMAR, FRED R.; WIESNER, LISA A. *Autismo: guia essencial para compreensão e tratamento*. Porto Alegre: Artmed, 1-24.

Anexo 1

História social:

Objetivo: Reforçar os comportamentos de inclusão social, acerca das crianças autistas e diminuir a frequência dos comportamentos de exclusão das crianças autistas.

Brincar junto, é
Muito legal!



Na escola, tem muitos amigos..e como
é divertido!!!



Você e os amigos podem brincar no
escorregador...



De gangorra...



De esconde-esconde...



Cada amigo é diferente um do outro.



Tem aqueles que falam mais...



e chamam todo mundo para brincar!!!



Tem aqueles mais quietos, mas que também amam brincar!!



Se você chamar mais crianças para brincar, a brincadeira fica bem mais legal!!!



Anexo 2

Questões de Verificação da Compreensão das Histórias Sociais

<p>Quem estava na história?</p>  <p>ou</p> 	<p>Onde aconteceu a história?</p>  <p>ou</p> 
--	---

Quando brinca todo mundo junto, como as crianças ficam?



ou



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – Pais ou responsáveis
(Resolução 510/2016 do CNS)

Eu, Maria Fernanda Andrade Alvarez, aluna de graduação em Psicologia na Universidade Federal de São Carlos, o (a) convido a consentir a participação da criança pela qual você é responsável na pesquisa “*Contação de histórias sociais, para promover comportamentos inclusivos entre crianças, do Ensino Fundamental, com e sem autismo*”, orientada pela Prof.^a Dr.^a Camila Domeniconi.

Caso o (a) Sr. (a) autorize a participação da criança pela qual é responsável nessa pesquisa que iremos desenvolver, a pesquisa será realizada presencialmente no período em que ele se encontrará na escola.

O desenvolvimento do indivíduo depende, em grande parte, do processo de socialização dele, que ocorre na interação com familiares e pares da mesma idade. A intervenção será a contação de uma história social, que possui como função reforçar os comportamentos inclusivos dos pares. O programa será realizado dentro da sala de aula com a turma inteira junta e também durante o recreio, no qual haverá uma observação da interação entre as crianças. Serão aplicadas duas escalas diferentes para comparar antes e depois da intervenção, a percepção das crianças sobre seu ambiente social. Um possível benefício desta pesquisa é promover comportamentos inclusivos em salas de aulas com crianças de 7 a 8 anos.

A pesquisadora realizará a contação de histórias sociais mediante o acompanhamento da professora da sala de aula, via modalidade presencial. Não é possível prever qualquer tipo de risco imediato, prejuízo ou danos que a pesquisa possa provocar ao voluntário que participa da mesma. Os riscos mínimos que podem ocorrer durante o preenchimento das escalas ou a contação de histórias, porém, o cansaço é comum a esse tipo de atividade escolar. Os riscos serão minimizados, pois caso se verifique sinais de cansaço ou desconforto, a atividade será interrompida e retomada posteriormente, se possível. As crianças receberão assistência imediata e integral e por qualquer tipo de situação resultante da sua participação na pesquisa e a intervenção será acompanhada pela professora da classe.

A pesquisa irá proceder assim: uma escala irá ser aplicada, em grupo dentro da sala de aula; depois, as crianças serão entrevistadas em pequenos grupos nesta etapa (duração máxima de 10 minutos); dado isso, se dará a etapa de intervenção, na qual a pesquisadora realizará uma atividade de contação das histórias sociais.

Ao final da pesquisa, o pesquisador se compromete a dar um retorno sobre os resultados da pesquisa.

A participação nesta pesquisa é gratuita. Participar nesta pesquisa também não envolverá gastos, nem incentivos financeiros. Porém, caso haja alguma despesa, será garantido ao participante o ressarcimento e a descrição das formas de cobertura das despesas realizadas pelo participante decorrentes da pesquisa.

O (a) Sr. (a) não é obrigado (a) a autorizar a participação da criança pela qual é responsável. Poderá também solicitar a interrupção a qualquer momento, sem a necessidade de comunicar o motivo, e essa decisão não levará a nenhuma penalização ou impedimento. O (a) Sr. (a) e/ou a criança pode se recusar a participar ou retirar o consentimento a qualquer momento sem nenhuma penalização, nem prejuízo.

Os resultados desta pesquisa podem ser divulgados em congressos ou artigos científicos, mas os dados que identificam o (a) Sr. (a) e seu filho não serão divulgados (tais como nome, onde trabalha, escola onde seu filho estuda ou qualquer outra informação que possam tornar a identificação possível).

Caso autorize, o (a) Sr. (a) e o pesquisador precisam assinar duas vias deste termo, de modo que uma via ficará em sua posse e a outra via ficará de posse do pesquisador responsável.

Eu, _____ (nome legível do pai/mãe ou responsável), portador (a) do RG _____, telefone () _____, e-mail _____, responsável legal pela criança _____, declaro que concordo com a participação do menor no projeto de pesquisa intitulado “ *Contação de histórias sociais, para promover comportamentos inclusivos entre crianças do ensino infantil com e sem autismo*”, após estar devidamente esclarecido (a) sobre os objetivos, riscos, benefícios e condições da minha participação e de meu filho (a) ou dependente na pesquisa.

Qualquer dúvida pode ser esclarecida com o pesquisador responsável ou com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar / Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, Rodovia Washington Luiz, Km 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Assinatura do (a) responsável

Pesquisadores Responsáveis:

Maria Fernanda Andrade Alvarez (Estudante da Graduação em Psicologia - UFSCar):
Telefone - (35) 998756566/ E-mail: mariaalvarez@estudante.ufscar.br

Profa. Dra. Camila Domeniconi (Professora da Graduação e Pós-Graduação em
Psicologia - UFSCar): Telefone - (16) 3531-9395/ E-mail - camila@ufscar.br

São Carlos, ____ de ____ de _____.

Anexo 4

TERMO DE ASSENTIMENTO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA

Eu, _____ concordo em participar da pesquisa “*Contação de hist3rias sociais, para promover comportamentos inclusivos entre crianças, do Ensino Fundamental, com e sem autismo*”. Com a autorização dos meus respons3veis legais (pais, tios, av3s), fui informado(a) pela pesquisadora que o objetivo da pesquisa 3 analisar a minha relação com os meus colegas e a relação dos meus colegas comigo. A pesquisadora explicou que irei participar das atividades de responder a perguntas e de escutar hist3rias sociais, em que participarei com crianças da minha idade e da minha classe em uma sala de aula, com a presença das minhas professoras. A minha participação trará o benef3cio de interagir melhor com os meus colegas e participar de uma atividade l3dica, mas caso eu me sinta cansado, entediado ou de qualquer modo desconfort3vel a pesquisadora ir3 me tirar da atividade. A minha participação n3o tem nenhum custo, n3o 3 obrigat3ria, poderei desistir de participar da pesquisa a qualquer momento e n3o acontecer3 nenhum prej3izo. A pesquisadora me informou que mesmo os meus pais tendo permitido eu participar dessa atividade eu posso decidir se quero participar ou n3o. Meu nome ser3 mantido em segredo. Pude tirar todas as minhas d3vidas e, caso me lembre de algo, posso perguntar 3 pesquisadora a qualquer momento. Sendo assim, deverei fazer um X na figura que est3 em verde (positivo) para sinalizar que quero participar da pesquisa e escreverei o meu nome, ou fazer um X na figura que est3 em vermelho (negativo) para sinalizar que n3o quero participar da pesquisa e n3o escreverei o meu nome.



Assinatura do (a) respons3vel

Testemunha 1 (nome leg3vel)

Pesquisadores Respons3veis:

Maria Fernanda Andrade Alvarez (Estudante da Graduação em Psicologia - UFSCar):
Telefone - (35) 998756566/ E-mail: mariaalvarez@estudante.ufscar.br

Profa. Dra. Camila Domeniconi (Professora da Graduação e P3s-Graduação em Psicologia - UFSCar): Telefone - (16) 3531-9395/ E-mail - camila@ufscar.br

Anexo 5

Tabela de Respostas da Criança ao Ecomapa

Aluno	Qual criança você mais chama para brincar?	Qual criança você menos brinca?	Com qual criança você gostaria de brincar mais?
Agnes	Giovana, Diego e Júlia	Pedro	Nenhuma
Lucas	Diego e Pedro	Carol e Bárbara	Carol e Bárbara
Maria	Júlia	Diego	Diego
Luisa	Júlia	Gabriela	Bárbara
Carol	Giovana e Bárbara	Diego e Lucas	Diego e Lucas
Danilo	Guilherme, Vitor, João	Giovana, Livia, Thiago	Giovana e Livia
Guilherme	Danilo, João	Giovana, Maria e Vitor	Jéssica
Vitor	Luiz Henrique (outra sala)	Mariana, Livia	Lucas
Jéssica	Hugo	Yiani	Alisa
Hugo	Jéssica	Não sei	Ninguém
Mariana	Giovana, Livia, João	Bárbara, Carol	Carol, Jéssica e Bárbara
Livia	Diego e Giovana	Pedro e Thiago	Guilherme
Giovana	Livia	Rafaela	Bárbara
Diego	Livia	Pedro	Bárbara
Talita	Renato	Luisa	Gabriela
João	Danilo, Guilherme	Giovana, Livia e Mariana	Giovana e Livia
Pedro	Diego Lucas e Vitor	João, Danilo	Guilherme
Renato	Talita	Luisa	Gabriela
Sara	Bárbara	Luisa	Gabriela
Júlia	Luisa	Gabriela	Giovana
Thiago	-	Diego	Luisa
Bárbara	Carol	Luisa	Gabriela
Gabriela	Júlia	Júlia	Giovana
Matheus	Enzo G	Rafaela	Rafaela



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Contação de histórias sociais, para promover comportamentos inclusivos entre crianças, DO ENSINO FUNDAMENTAL, com e sem autismo.

Pesquisador: Camila Domeniconi

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 74693223.7.0000.5504

Instituição Proponente: Universidade Federal de São Carlos/UFSCAR

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.623.111

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos “Apresentação do Projeto”, “Objetivo da Pesquisa”, e “Avaliação dos Riscos e Benefícios” foram copiadas do arquivo “Informações Básicas da Pesquisa”.

Resumo:

“O Transtorno do Espectro Autista (TEA), é amplamente discutido atualmente, porém essa discussão, em diversos contextos, é recente. O TEA é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento, com etiologias orgânicas, características sintomatológicas conhecidas e com a possibilidade de um diagnóstico diferencial e tratamentos terapêuticos precoces. A aquisição do comportamento social é adquirida pela criança, principalmente, com os pares e majoritariamente, esse aprendizado inicia-se durante o ingresso do indivíduo na escola. Sendo assim, é possível prever, que crianças com TEA, dado os déficits nas habilidades sociais, tendem a experimentar maior solidão no ambiente escolar e em suas vidas. Nesse contexto, sugere-se a aplicação de uma intervenção em salas de aula que possuam crianças autistas, a fim de que através da contação de histórias sociais, o comportamento inclusivo dos pares com as crianças com TEA, aumente.”

Hipótese:

“A hipótese do presente estudo é que com a intervenção realizada, ou seja, a após a contação da

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



história social, os comportamentos inclusivos dos pares com as crianças autistas aumentem.”

Metodologia Proposta:

“Os participantes dessa pesquisa se caracterizarão por crianças cursando o segundo ano do fundamental, de 7 a 8 anos de idade, que tenham assentido participar do presente estudo e da intervenção proposta. Além disso, será necessário que os responsáveis pelas crianças participantes assinem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), caso as crianças não concordem em participar ou seus responsáveis não assinem o TCLE, esses participantes serão excluídos da pesquisa. O local de coleta de dados e de intervenção será uma Escola, dentro dela os procedimentos serão feitos tanto dentro da sala de aula, no momento da utilização dos instrumentos, como durante o recreio das crianças, na qual serão feitas observações a distância. Ecomapa elaborado pela autora: o objetivo do ecomapa elaborado é realizar um mapeamento acerca de quais crianças são mais chamadas pelos colegas de classe para brincar e para realizar tarefas e quais são menos citadas pelas crianças. Para isso, serão feitas três perguntas para cada criança individualmente: 1. qual amigo você mais convida para brincar? 2. qual amigo você convida para fazer alguma atividade? 3. qual você não convida?

Escala de Diferencial Semântico elaborado pela autora: A escala de diferencial semântico elaborada é composta por cinco pares adjetivos escritos e dez imagens referentes a estes adjetivos. O objetivo é que cada criança marque os adjetivos que caracterizam a percepção dela sobre o amigo que ela mais chama para brincar e o amigo que ela nunca chama para brincar. (Anexo 1)

História Social elaborada pela autora: A história social elaborada contará com uma narrativa e imagens específicas que com temas relacionados a importância das crianças brincarem todas juntas nos diferentes espaços da escola. Serão contadas duas histórias sociais, com o mesmo objetivo (Anexo 2)

Essa pesquisa será realizada a partir dos preceitos éticos estabelecidos pelo Conselho Nacional de Saúde e mediante aprovação do Comitê de Ética. Os participantes serão selecionados em escolas de ensino infantil. Após a aprovação da Escola para a realização da coleta de dados e do procedimento de intervenção, será enviado para os responsáveis dos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e para as crianças será lido o Termo de Assentimento (TALE). Caso o participante e o responsável concordem com os termos, a criança participará do estudo. Todos os procedimentos serão realizados durante o período de aula e dentro da escola.

Inicialmente serão realizadas duas observações com duração de trinta minutos cada, durante o recreio das crianças. As observações deverão ocorrer sem interferência nas atividades cotidianas,

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.623.111

com o objetivo de mapear as interações sociais e os pares/grupos que se formam durante as atividades. A pesquisadora se posicionará em um local próximo às crianças e procurará registrar quantitativamente as categorias especificadas no Protocolo de Observação e qualitativamente qualquer outro aspecto que lhe pareça pertinente, especialmente sobre a forma como as crianças se agrupam, como estes grupos se movimentam, se crianças específicas ficam excluídas das atividades e por quanto tempo e como ocorre o reagrupamento, caso ocorra (se com ou sem mediação de adultos).

Após a observação, o Ecomapa será utilizado. Para tanto, as crianças serão entrevistadas individualmente pela pesquisadora responsável, a fim de obter um mapeamento acerca de quais crianças são chamadas com mais frequência para brincar, quais são mais solicitadas para ajudar nas tarefas e quais não são chamadas para nenhuma das duas funções.

O processo de intervenção consistirá em duas etapas: a primeira etapa será uma atividade de aquecimento, essa atividade será realizada de maneira coletiva, com a turma inteira. Depois, a intervenção principal será realizada; serão contadas duas histórias sociais. Após a intervenção serão realizadas duas novas observações e a reaplicação do Ecomapa.”

Critério de Inclusão:

“ALUNOS QUE ESTEJAM NO SEGUNDO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL 1, QUE TENHAM IDADE ENTRE 7 E 8 ANOS E QUE ESTEJAM INSERIDAS EM SALAS COM CRIANÇAS AUTISTAS. CRIANÇAS QUE ASSINEM O TERMO DE ASSENTIMENTO E QUE OS PAIS ASSINEM O TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO”

Critério de Exclusão:

“ALUNOS QUE ESTEJAM EM OUTRAS SÉRIES SEM SER O SEGUNDO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I, E QUE TENHAM MAIS DO QUE 9 ANOS E NÃO ESTEJAM INSERIDAS EM SALAS COM CRIANÇAS AUTISTAS. CRIANÇAS QUE NÃO CONCORDEM EM PARTICIPAR DA PESQUISA OU NÃO TENHAM A PARTICIPAÇÃO AUTORIZADA PELOS PAIS.”

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

“Aumentar os comportamentos inclusivos das crianças do Ensino Fundamental das salas em que foram aplicadas a intervenção, UTILIZANDO UMA PRÁTICA BASEADA EM EVIDÊNCIAS, DE BREVE DURAÇÃO, DE BAIXO CUSTO E QUE SE ADEQUE A ROTINA ESCOLAR.”

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.623.111

Objetivo Secundário:

“Diminuir os comportamentos excludentes das crianças do Ensino FUNDAMENTAL.”

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

“RISCOS MÍNIMOS PODEM OCORRER DURANTE A COLETA DE DADOS, COMO O CANSAÇO DAS CRIANÇAS, QUE É COMUM A ESSE TIPO DE ATIVIDADE ESCOLAR. CASO ISSO SEJA OBSERVADO, A ATIVIDADE SERÁ IMEDIATAMENTE INTERROMPIDA E RETOMADA, POSTERIORMENTE, SE POSSÍVEL. AS CRIANÇAS RECEBERÃO ASSISTÊNCIA IMEDIATA E INTEGRAL POR TODO E QUALQUER TIPO DE SITUAÇÃO RESULTANTE DA SUA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA, ALÉM DISSO, A INTERVENÇÃO SERÁ ACOMPANHADA PELA PROFESSORA DA CLASSE.”

Benefícios:

“A promoção de comportamentos inclusivos nas crianças do Ensino infantil, com e sem autismo. Diminuição dos comportamentos excludentes nas crianças do Ensino Infantil, com e sem autismo.”

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

**** A pesquisa só poderá iniciar após a aprovação do Comitê de Ética ****

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os Documentos/Termos seguintes encontram-se anexados na Plataforma.

PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2079191.pdf (15/01/2024)

CartaautorizacaoEscola_versao2.pdf (15/01/2024)

Carta_Resposta_versao2.pdf (15/01/2024)

TALE_modificado_versao2.pdf (11/12/2023)

TCLE_modificado_versao2.pdf (11/12/2023)

Projeto_de_pesquisa_modificado_versao2.pdf (11/12/2023)

folhaDeRostomariafernanda.pdf (03/10/2023)

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pendências do parecer no. 6.502.033, de 12 de Novembro de 2023.

- Trata-se da análise das pendências do parecer no. 6.600.677, de 24 de Dezembro de 2023.

***** INCLUIR O TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO LOCAL DE COLETA DE DADOS *****

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.623.111

RESPOSTA: Carta inserida CartaautorizacaoEscola_versao2.pdf (15/01/2024)

ANÁLISE: APROVAÇÃO CONDICIONADA AO ENVIO POR NOTIFICAÇÃO NA PLATAFORMA BRASIL DA CARTA DA INSTITUIÇÃO COM TÍTULO CORRIGIDO DA PESQUISA.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. Conforme dispõe o Capítulo VI, Artigo 28, da Resolução Nº 510 de 07 de abril de 2016, a responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2079191.pdf	15/01/2024 11:34:02		Aceito
Outros	Carta_Resposta_versao2.pdf	15/01/2024 11:17:45	MARIA FERNANDA ANDRADE	Aceito
Outros	CartaautorizacaoEscola_versao2.pdf	15/01/2024 11:10:14	MARIA FERNANDA ANDRADE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_modificado_versao2.pdf	11/12/2023 16:08:02	MARIA FERNANDA ANDRADE ALVAREZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_modificado_versao2.pdf	11/12/2023 16:06:32	MARIA FERNANDA ANDRADE ALVAREZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	TCLE_modificado_versao2.pdf	11/12/2023 16:05:49	MARIA FERNANDA ANDRADE	Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.623.111

Justificativa de Ausência	TCLE_modificado_versao2.pdf	11/12/2023 16:05:49	MARIA FERNANDA ANDRADE	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRostomariafernanda.pdf	03/10/2023 19:06:41	MARIA FERNANDA ANDRADE	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 24 de Janeiro de 2024

Assinado por:
Sonia Regina Zerbetto
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br